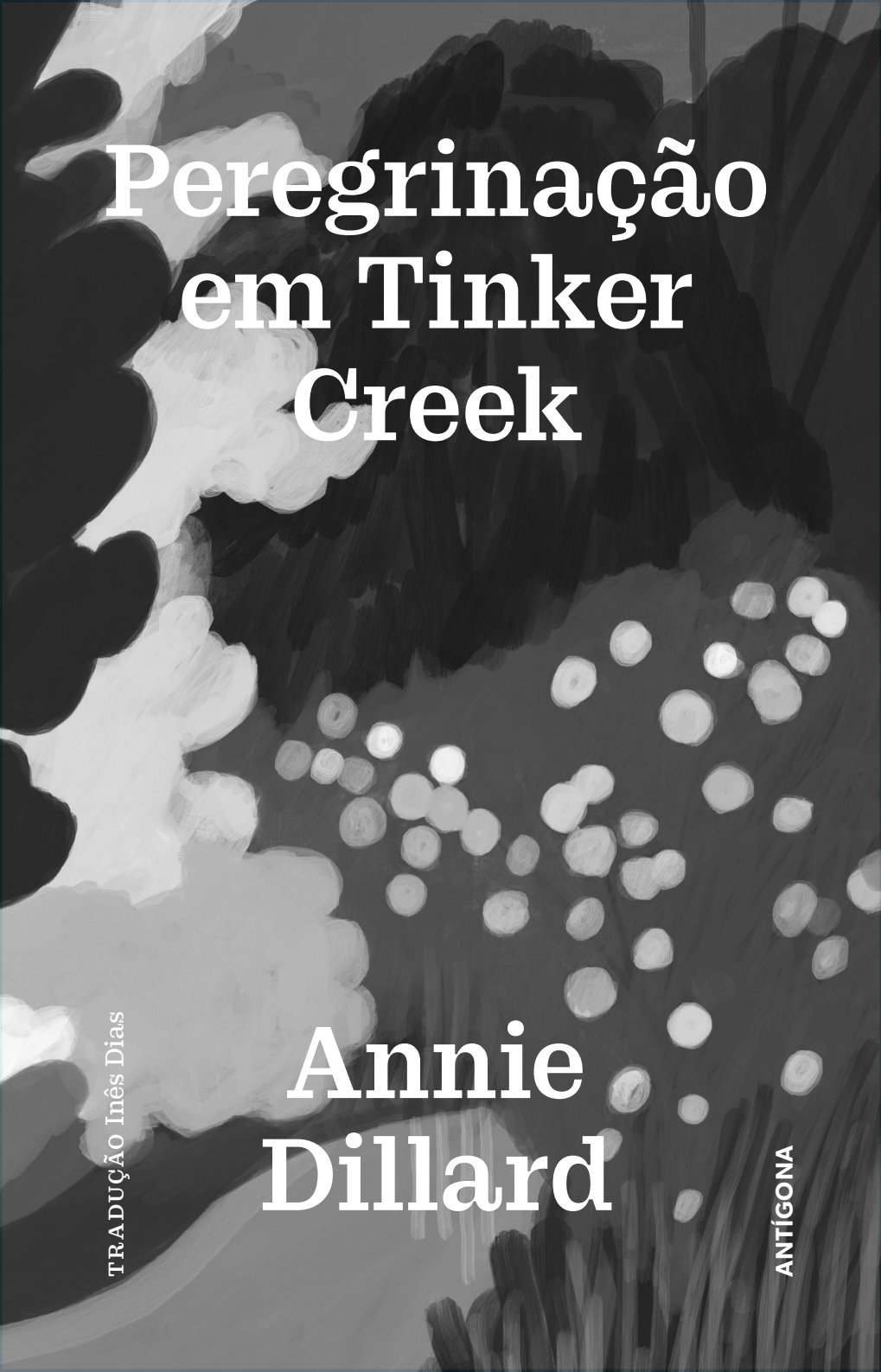




Peregrinação em Tinker Creek

TRADUÇÃO Inês Dias

Annie
Dillard

ANTÍGONA

Obra apoiada no âmbito do Concurso de Tradução de Obras Literárias
da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

FLAD

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

TÍTULO ORIGINAL

Pilgrim at Tinker Creek

AUTORA

Annie Dillard

TRADUÇÃO

Inês Dias

REVISÃO

Maria de Fátima Carmo

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Carolina Celas

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress — Indústria Gráfica

COPYRIGHT

© 1974 Annie Dillard

© 2025 Antígona | direitos reservados para Portugal
e países de língua portuguesa excepto Brasil

1.^a EDIÇÃO Julho 2025

DL 550276/25

ISBN 978-972-608-477-8

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS

Rua Silva Carvalho, n.º 152, 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.antigona.pt

para o Richard

*Sempre existiu, existe e existirá este Fogo eterno,
alternadamente acendendo-se e extinguindo-se.*

HERACLITO

O CÉU E A TERRA POR DIVERTIMENTO

Já tive um gato, um velho macho brigão, que a meio da noite saltava pela janela aberta ao lado da minha cama e aterrava em cima do meu peito. Eu semi-acordava. Ele encostava a cabeça ao meu nariz e ronronava, fedendo a urina e a sangue. Nalgumas noites, amassava-me o peito nu com as patas da frente, vigorosamente, arqueando as costas, como se afliesse as garras ou batesse na mãe para obter leite. E nalguns dias eu acordava de manhã coberta de marcas ensanguentadas de patas; parecia que tinha sido pintada com rosas.

Fazia calor, tanto calor que o espelho estava quente. Lavava-me em frente do espelho ainda aturdida, com o meu sono perturbado de Verão suspenso à minha volta como algas marinhas. Que sangue era este, que rosas? Podia ser a rosa da união, o sangue do assassinio, ou a rosa da beleza despojada e o sangue de algum indizível sacrificio ou nascimento. O símbolo no meu corpo podia ser um emblema ou uma mancha, as chaves do reino ou a marca de Caim. Nunca soube. Nunca soube, enquanto me lavava, e o sangue escorria, esmorecia e finalmente desaparecia, se me tinha purificado ou se havia destruído o sinal de sangue do cordeiro pascal. Acordamos, se é que chegamos a acordar, rodeados de mistério, rumores de morte, beleza, violência... «Parece que fomos apenas deixados aqui», disse-me há pouco tempo uma mulher, «e ninguém sabe porquê.»

São questões matinais, imagens que sonhamos quando a onda final nos deposita na areia sob a luz brilhante e o ar que nos seca.

Lembramo-nos da pressão, de um sono curvo em que nos apoiávamos, moles, como uma vieira na sua concha. Mas o ar endurece-nos a pele; levantamo-nos; deixamos a costa iluminada para explorar um promontório sombrio e depressa nos perdemos no seu interior frondoso, absortos, sem recordar nada.

Ainda penso naquele velho gato, de manhã, quando acordo. As coisas estão mais tranquilas, agora: durmo com a janela fechada. O gato e os nossos rituais desapareceram, a minha vida mudou, mas permanece a memória de algo vigoroso a brincar em cima de mim. Desperto expectante, à espera de ver uma coisa nova. Se tiver sorte, posso ser acordada por um estranho canto de pássaro. Visto-me à pressa, imaginando tordas ou flamingos a esvoaçarem no pátio. Esta manhã era um pato-carolino, lá em baixo no rio. Voou para longe.

Vivo junto a um pequeno rio conhecido como Tinker Creek, num vale das montanhas Blue Ridge, na Virgínia. O eremitério de um anacoreta é o seu ancoradouro; alguns desses ancoradouros eram simples barracões presos a um dos lados de uma igreja como uma lapa a uma rocha. Penso nesta casa presa a um dos lados do Tinker como um ancoradouro. Mantém-me ancorada no leito rochoso do próprio rio e estável na sua corrente, como se fosse uma âncora, enfrentando a torrente de luz que se derrama. É um bom lugar para viver; há muito em que pensar. Os rios — Tinker e Carvin — são um mistério activo, permanentemente renovado. O seu mistério é o da criação contínua e de tudo o que a providência implica: a incerteza da visão, o horror do determinado, a dissolução do presente, a complexidade da beleza, a pressão da fecundidade, a inapreensibilidade do que é livre e a natureza defeituosa da perfeição. As montanhas — Tinker e Brushy, McAfee's Knob e Dead Man — são um mistério passivo, o mais velho de todos. O seu é o simples mistério da criação a partir do nada, da matéria em si, de qualquer coisa,

do que nos foi dado. As montanhas são imensas, serenas, absorventes. Podemos entregar o nosso espírito a uma montanha e a montanha guardá-lo-á, protegido, em vez de o devolver como fazem certos rios. Os rios são o mundo com todos os seus estímulos e beleza; vivo aí. Mas as montanhas são a minha casa.

O pato-carolino voou para longe. Só consegui um vislumbre de algo parecido com um torpedo brilhante que agitava as folhas por onde passava. De novo em casa, comi uma tigela de papas de aveia; muito mais tarde nesse dia surgiram esses longos raios de luz oblíquos que indiciam uma boa caminhada.

Se o dia está agradável, qualquer passeio serve; tudo parece bonito. A água, sobretudo, está no seu auge, reflectindo o céu azul na superfície lisa e decompondo-o em baixios arenosos, rápidos brancos e espuma nas cascatas. Num dia escuro ou enevoadado, tudo parece descolorido e baço, excepto a água. Ela tem as suas próprias luzes. Encaminho-me para a via-férrea, para a colina sobrevoada pelos bandos de pássaros, para o bosque onde vive a égua branca. Mas acabo junto à água.

Hoje é um desses maravilhosos dias de Janeiro parcialmente nublados em que a luz escolhe uma parte inesperada da paisagem para pintar de dourado, e depois a sombra varre tudo. Sabemos que estamos vivos. Damos grandes passadas, tentando sentir o arco redondo do planeta sob os pés. Kazantzakis conta que, quando era novo, tinha um canário e um globo. Quando soltava o canário, este empoleirava-se no globo e cantava. Durante toda a sua vida, vagueando pelo mundo, ele sentia-se como se tivesse um canário no cimo da sua mente, a cantar.

A oeste da casa, o Tinker faz uma curva abrupta, de modo que o rio fica simultaneamente nas traseiras da casa, a sul de mim, e também do outro lado da estrada, a norte de mim. Gosto de ir para norte. Aí o sol da tarde incide em cheio no rio, intensificando o azul reflectido e iluminando os ramos das árvores

nas margens. No pasto do outro lado, os bezerros descem até ao rio para beber; avisto sempre um ou dois coelhos, aí; sento-me num tronco caído e observo os esquilos ao sol. Há duas vedações de madeira separadas, presas por cabos que atravessam o rio a montante do tronco de árvore que me serve de banco. Impedem os bezerros de fugir rio acima ou rio abaixo, quando vêm beber. Os esquilos, as crianças da vizinhança e eu usamos a vedação a jusante como uma ponte oscilante para atravessar o rio. Mas hoje os bezerros estão lá.

Sento-me na árvore derrubada e observo os bezerros pretos a escorregar no leito do rio. Tudo neles é carne de bovino: coração de bovino, pele de bovino, jarrete de bovino. São um produto humano, à semelhança da seda artificial. São como um campo de sapatos. Têm pennis de ferro e línguas como solas de espuma. Não podemos ver o que se passa nos seus cérebros, ao contrário do que fazemos com outros animais; têm gordura de bovino atrás dos olhos, estufado de carne.

Percorro a vedação dois metros acima da água, agarrando-me ao cabo ferrugento e equilibrando os pés ao longo da borda estreita das tábuas. Quando chego à outra margem e a terra firme, há um grupo de bezerros entre mim e a vedação de arame farpado que quero atravessar. Por isso, invisto de repente contra eles, numa corrida enérgica, agitando os braços e gritando: «Relâmpago! Cascavel! Almôndegas suecas!» Ainda amontoados, fogem aos tropeções pelo prado liso. Fico parada com o vento a soprar-me no rosto.

Passando por baixo de uma vedação de arame farpado, atravessando um campo e correndo sobre um tronco de sicómoro caído na água, vou dar a uma pequena ilha em forma de lágrima no meio do Tinker. De um dos lados do rio há uma margem íngreme e arborizada; a água é veloz e profunda nesse lado da ilha. Do outro lado fica o campo plano que atravessei a seguir ao pasto dos bezerros; a água entre o campo e a ilha é lenta e

pouco profunda. No Verão, quando a água está mais baixa, nascem lírios-roxos e taboas numa série de poças pouco fundas, que a ociosa corrente vai refrescando. Os alfaiates patrulham a película da superfície, os caranguejos afadigam-se entre os sedimentos do leito, comendo porcarias, as rãs coaxam e reluzem, e os vairões e as pequenas bremsas escondem-se, entre as raízes, do olhar ameaçador da garça-verde. Venho a esta ilha todos os meses do ano. Percorro-a, parando e contemplando, ou encavalito-me no ramo de sicómoro sobre o rio, encolhendo as pernas no Inverno para não me molhar, e tento ler. Hoje sento-me nas ervas secas ao fundo da ilha, junto ao lado mais lento do rio. Sou atraída para este sítio. Venho até ele como se fosse um oráculo; regresso a ele como um homem anos depois procura o campo de batalha onde perdeu uma perna ou um braço.

Há dois ou três verões, decidi passear nas margens da ilha para perceber o que podia ver na água e, sobretudo, para assustar as rãs. As rãs têm um modo deselegante de saltar de locais invisíveis em terra, mesmo à frente dos nossos pés, num pânico terrível, emitindo o seu «Credo!» de rã e desaparecendo na água. Estranhamente, isso divertia-me e, estranhamente, ainda me diverte. À medida que ia passeando pelas margens cobertas de erva da ilha, tornava-me cada vez melhor a descobrir as rãs, tanto dentro como fora de água. Aprendi a reconhecer, abrandando o passo, as diferenças de textura da luz reflectida pela lama da margem, pela água, pela erva ou pelas rãs. As rãs saltitavam por todo o lado à minha volta. Ao fundo da ilha reparei numa pequena rã verde. Tinha metade do corpo dentro de água e metade fora, parecendo o diagrama esquemático de um anfíbio, e não saltou.

Não saltou; aproximei-me um pouco mais. Por fim, ajoelhei-me na erva morta do Inverno, perdida, estupefacta, olhando para a rã no rio a um metro apenas de mim. Era uma rã muito pequena, de olhos enormes, baços. E, justamente enquanto a